

A representação da violência contra a mulher em alguns contos de Marina Colasanti

Regina Célia dos Santos Alves*
Ângela Simone Ronqui**

RESUMO:

Este artigo tem o intuito de verificar o tema da violência contra as mulheres e apontar algumas características de três pequenos contos da escritora contemporânea Marina Colasanti. Nesse sentido, serão estudados os contos “Porém igualmente”, “Para que ninguém a quisesse” e “A moça tecelã”, reunidos na obra *Um Espinho de Marfim e outras histórias*, de 1999. Tais contos revelam uma violência física e/ou “simbólica”.

Palavras-chave: Violência. Mulher. Contos. Marina Colasanti.

Este artigo propõe analisar três contos de Marina Colasanti e verificar a representação da temática da violência contra as mulheres presente nos mesmos. Marina Colasanti é uma escritora contemporânea, que teve uma atuação importante principalmente como jornalista no sentido de esclarecer e dar maior consciência às mulheres brasileiras quanto à sua condição. Casada com o escritor e crítico Affonso Romano de Sant’Anna, a autora nasceu na Etiópia em 1937 e vive no Brasil desde os onze anos. Na área literária, escreveu mais de quarenta obras, incluindo contos, crônicas, poesias, ensaios e histórias infantis.

Nas décadas de 70/80, quando a situação da mulher brasileira ainda era de submissão, a ação feminista de Colasanti, tanto na imprensa (jornais e revistas) como nos livros que publicou sobre o assunto, ajudou a modernizar os costumes no Brasil.

Foi duas vezes vencedora do Prêmio Jabuti: em 1994, com *Rota de Colisão* (poesia), e em 1997, com *Eu sei, mas não devia* (contos). Outros prêmios conquistados pela autora foram os da Câmara Brasileira do Livro, da Associação Brasileira de Críticos de Arte, do Concurso Latinoamericano de Cuentos para Niños, promovido pela FUNCEC/UNICEF, e o Prêmio Norma-Fundalectura latino-americano.

A autora escolheu o feminismo como opção política e teve um trabalho jornalístico intenso, colaborando em diversas publicações do país em revistas. De acordo com Stuart Hall, em *A identidade cultural da pós-modernidade* (1999):

O feminismo faz parte daquele grupo de “novos movimentos sociais”, que emergiram durante os anos sessenta [...] juntamente com as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários do “Terceiro Mundo”, os movimentos pela paz... (HALL, 1999, p. 44).

Colasanti afirma ser uma feminista e relata que isso significa que a situação das mulheres na história, nas sociedades e na vida a interessa muito. Reconhece as limitações impostas ao sexo feminino e tenta entender como isso se dá, onde se localiza, como se reflete nas obras das mulheres - suas vidas, seus empregos e suas formas de expressão (literatura, arte, etc.). Atualmente, faz palestras pelo Brasil tematizando questões do universo feminino.

Colasanti produz em alguns de seus contos uma Literatura de caráter militante, que visa dar a voz à mulher e denunciar uma sociedade que, de certa maneira, ainda é machista e vê a mulher

como um ser “inferior”. De acordo com Linda Hutcheon, em *Teorizando o pós-moderno rumo a uma poética* (1991): “As mulheres ajudaram a desenvolver a valorização [...] das margens e do excêntrico como uma saída com relação à problemática de poder dos centros e às oposições entre masculino e feminino” (HUTCHEON, 1991, p. 35).

Conforme Carlos Fantinati, a posição do(a) escritor(a) de caráter militante “... consiste em afirmar não unicamente o caráter ideológico da obra literária, mas, e principalmente, em afirmar a necessidade de que ela atue como veículo de conscientização e de esclarecimento do público” (FANTINATI, 1978, p. 3).

Rosiska Darcy de Oliveira, autora estudiosa sobre questões femininas/feministas, em *O elogio da diferença: o feminino emergente* (1999), relata que a Literatura foi um dos meios encontrados pelas mulheres para se libertarem da espécie de “prisão social” em que viviam, podendo, assim, expor seus pensamentos e opiniões:

A literatura não foi para as mulheres uma simples transgressão das leis não escritas que lhes proibiam o acesso à criação. Foi, muito mais que isso, um território liberado, clandestino, pulsando ao ritmo emocional dessa clandestinidade e desse risco. Saída secreta da clausura da linguagem e de um pensamento que as pensava e descrevia *in absentia* (OLIVEIRA, 1999, p. 12).

Silviano Santiago (1989) também fala sobre a participação da mulher na literatura:

O que a escrita da mulher coloca contra a parede? A liberdade retórica sem gênero – sem preferência sexual, falocêntrica, sem cor, sem etnia, etnocêntrica etc. Por seu turno, a liberdade retórica com gênero favorece a sensibilidade e a espontaneidade literárias, que, por se relacionarem de modo confessional e lírico com a linguagem, retiram sua força artística não das firulas do cânone, mas da experiência libertária de corpos multicoloridos, sexuados e sofridos na pele, que vivem e sobrevivem em diferença (SANTIAGO, 1989, p. 87).

As sociólogas e estudosas sobre a literatura de autoria feminina Cecília M. Santos e Wânia P. Izumino falam sobre a literatura com temática da violência contra a mulher no Brasil:

A literatura sobre violência contra as mulheres tem suas origens no início dos anos 80, constituindo uma das principais áreas temáticas dos estudos feministas no Brasil. Esses estudos são frutos das mudanças sociais e políticas no país, acompanhando o desenvolvimento do movimento de mulheres e o processo de redemocratização (SANTOS & IZUMINO, 2005, p.1).

Os contos selecionados de Colasanti – “Porém Igualmente”, “Para que ninguém a quisesse” e “A moça tecelã” – são do contexto atual e possuem características tais como o recorte (fragmentação), a velocidade, ou seja, sem muitos “detalhes e floreios”, além da intensidade de significado (SIMON, 1999, p. 78).

O gênero conto, principalmente o pequeno, torna-se um grande representante da literatura que Linda Hutcheon (1991) chama de “pós-moderna” devido à sua brevidade, concisão e por, geralmente, apresentar um único foco narrativo, “... centrado ou no narrador onisciente ou numa personagem” (D’ ONÓFRIO, 2001, p. 21).

Beatriz Resende (2008) fala sobre a importância do conto “curtíssimo” e afirma que “A presentificação me parece [...] se revelar por aspectos formais, o que tem tudo a ver com a importância que vem adquirindo o conto curto ou curtíssimo em novos escritores [...] ou nas pequenas edições para serem lidas de um só fôlego” (RESENDE, 2008, p. 28).

É o que ocorre com o miniconto “Porém igualmente” de Colasanti:

É uma santa. Diziam os vizinhos. E D. Eulália apanhando.
É um anjo. Diziam os parentes. E D. Eulália sangrando.
Porém igualmente se surpreenderam na noite em que, mais bêbado que de costume, o marido, depois de surrá-la, jogou-a pela janela, e D. Eulália rompeu em asas o vôo de sua trajetória (COLASANTI, 1999, p. 44).

Apesar de ser “mini”, é notória a intensidade de significado presente nesse conto. Certamente D. Eulália sofria com frequência agressões físicas de seu esposo que bebia muito. Os vizinhos a chamavam de “santa” e seus parentes de “anjo”, provavelmente pelo fato de ela sofrer, mas continuar sempre com seu marido, ou seja, por acabar perdendo-o pelas agressões. Contudo, certo dia o marido chegou em casa ainda mais bêbado e, sem sabermos o motivo, espanca-a até a morte e a joga pela janela.

Características como a “rapidez”, a “exatidão” e a “intensidade” estão presentes no conto de Colasanti. Para Ítalo Calvino em *Seis propostas para o próximo milênio* (1990):

A rapidez e a concisão do estilo (literário) agradam porque apresentam à alma uma turba de idéias simultâneas, ou cuja sucessão é tão rápida que parecem simultâneas, e fazem a alma ondular numa tal abundância de pensamento, imagens ou sensações espirituais, que ela ou não consegue abraçá-las todas de uma vez nem inteiramente a cada uma, ou não tem tempo de permanecer ociosa e desprovida de sensações (CALVINO, 1990, p. 55).

Nota-se que as agressões que D. Eulália sofria de seu marido eram constantes, e essa ideia de “continuidade” é representada pela repetição de palavras nas duas primeiras linhas do conto: “É uma santa. Diziam os vizinhos. E D. Eulália apanhando”; e, “É uma santa. Diziam os parentes. E D. Eulália sangrando”; além da presença dos verbos no gerúndio: “apanhando” e “sangrando” que dão a ideia de uma ação contínua.

Os vizinhos e os parentes viam a infeliz situação dessa mulher. Contudo, “porém igualmente se surpreenderam” com a sua morte, mesmo que este fosse um “final” óbvio, já que D. Eulália era espancada constantemente. As “asas” do “voo de sua trajetória” podem se relacionar com as palavras “santa” e “anjo”. Esse voo representa sua morte e, agora, ela poderá talvez, ironicamente, “voar” como um anjo.

O miniconto em questão relata a violência contra a mulher. Marilena Chauí, define violência como uma ação que transforma diferenças em desigualdades hierárquicas com a finalidade de dominar, explorar e oprimir. Essa ação violenta trata a mulher dominada como um “objeto” e não como “sujeito”, a qual é silenciada e se torna dependente e passiva. Essa mulher, dessa forma, perde a sua liberdade, ou seja, sua “capacidade de autodeterminação para pensar, querer, sentir e agir” (CHAUÍ, 1985).

No pequeno conto “Para que ninguém a quisesse”, Marina explora o ciúme e o sentimento de poder que o homem deseja ter sobre a mulher.

Porque os homens olhavam demais para a sua mulher, mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar. Apesar disso, sua beleza chamava a atenção, e ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de saltos altos. Dos armários tirou as roupas de seda, da gaveta tirou todas as jóias. E vendo que, ainda assim, um ou outro olhar viril se acendia à passagem dela, pegou a tesoura e tosquiou-lhe os longos cabelos.

Agora podia viver descansado. Ninguém a olhava duas vezes, homem nenhum se interessava por ela. Esquiva como um gato, não mais atravessava praças. E evitava sair.

Tão esquiva se fez, que ele foi deixando de ocupar-se dela, permitindo que fluísse em silêncio pelos cômodos, mimetizada com os móveis e as sombras.

Uma fina saudade, porém, começou a alinhar-se em seus dias. Não saudade da mulher. Mas do desejo inflamado que tivera por ela.

Então lhe trouxe um batom. No outro dia um corte de seda. À noite tirou do bolso uma rosa de cetim para enfeitar-lhe o que restava dos cabelos.

Mas ela tinha desaprendido a gostar dessas coisas, nem pensava mais em lhe agradar. Largou o tecido em uma gaveta, esqueceu o batom. E continuou andando pela casa de vestido de chita, enquanto a rosa desbotava sobre a cômoda (COLASANTI, 1999, p. 88-9).

O marido, ao retirar-lhe a maquiagem, as roupas bonitas e ao cortar-lhe os cabelos vai, aos poucos, atingindo a vaidade da mulher e sua autoestima. O que o incomodava era o fato de que outros homens pudessem olhá-la e admirá-la: “E vendo que, ainda assim, um ou outro olhar viril se acendia à passagem dela, pegou a tesoura e tosquiou-lhe os longos cabelos” (COLASANTI, 1999, p. 88), ou seja, o marido sentia por ela um ciúme obsessivo e dominador.

Em sua obra *E por falar em amor* (1985), Colasanti aborda a temática do ciúme. Para a autora: “O ciúme masculino nunca é visto como ridículo, mas sim como essencialmente dramático. Pois, ao ter ciúme, um homem está defendendo um direito sagrado de posse, não apenas do corpo alheio, mas de sua própria honra que naquele corpo habita” (COLASANTI, 1985, p. 198).

Mais uma vez percebemos a questão da mulher como um “objeto”, uma posse de seu esposo. Entretanto, o marido sente saudade do tempo que ela era bela e ele a desejava: “... não saudade da mulher. Mas do desejo inflamado que tivera por ela” (COLASANTI, 1999, p. 89), ou seja, ele mesmo acabou também se tornando vítima de suas próprias ações.

Nota-se que o marido não sentia falta da companhia da mulher, de sua personalidade, de seu caráter, mas sim de sua beleza, isto é, não era o “interior” da esposa que importava, e sim seu “exterior”, sua aparência física que lhe despertava o desejo.

A esposa acabou ficando tão “esquiva” que foi “mimetizada” e comparada aos móveis da casa: “Tão esquiva se fez que ele foi deixando de ocupar-se dela, permitindo que fluísse em silêncio pelos cômodos, mimetizada com os móveis e as sombras” (COLASANTI, 1999, p. 89). A mulher se torna uma “sombra”, pois perde os traços que definiam a sua imagem. Não quer mais se arrumar, “nem pensava mais em agradar o marido”, “Largou o tecido em uma gaveta, esqueceu o batom”. (COLASANTI, 1999, p. 89)

No conto em questão encontra-se o tema da violência contra as mulheres, em que o sexo feminino sempre se submete ao masculino. No entanto, não é uma violência física, mas sim “psicológica”, o que Pierre Bourdieu em *A dominação masculina* (2007) chama de “violência simbólica”. De acordo com o sociólogo

Sempre vi na dominação masculina e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência [...] (da) submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias [...] simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2007, p. 7).

A “violência simbólica” de seu marido foi tão grande que a mulher não conseguia mais se “recuperar”, voltar a ter sua vaidade. A “rosa”, tida por muitos como símbolo do amor, foi abandonada, esquecida sobre a cômoda: “E continuou andando pela casa de vestido de chita, enquanto a rosa desbotava sobre a cômoda” (COLASANTI, 1999, p. 89). Não há mais amor nesse casal e a mulher torna-se infeliz, “sufocada” pelo ciúme dominador do marido.

No conto “A moça tecelã”, Colasanti reúne a tradição dos contos de fadas, acrescentando temas modernos do cotidiano, deletando o desfecho tradicional do “felizes para sempre”.

Nesse conto é relatada a vida de uma jovem tecelã que, um dia, sentiu-se muito só e desejou ter ao seu lado um companheiro, idealizando-o à sua maneira, como um “príncipe encantado” dos contos de fada. Com seu tear mágico, tece o marido de “chapéu emplumado, rosto barbado, corpo apumado, sapato engraxado” (COLASANTI, 1999, p. 10).

Diferentemente dos outros dois contos, esse é mais utópico, mais fantasioso, visto que a moça possui um tear não real, mas mágico e, com ele, “tece” tudo que é necessário à sua vida. Sentindo falta de um companheiro, a moça cria um marido com seu poderoso tear, pensando em suas características físicas. Entretanto, se esquece de “planejar” e “tecer” sua personalidade e características psicológicas.

Conforme os dias passam, a dominação masculina aumenta. O marido, sabendo do poder mágico do tear passa a exigir da esposa bens materiais e determinar que a mesma fique isolada, trancada: “... entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela o mais alto quarto da mais alta torre” (COLASANTI, 1999, p. 11). Durante um tempo, a moça atende a todos os caprichos do esposo com dedicação e de maneira submissa.

Contudo, Colasanti demonstra, através desse conto, que há esperança e que a situação da submissão feminina pode ser mudada. Essa submissão é mantida durante algum tempo pela moça; porém, ao final do conto, cansada da condição de inferioridade em que vivia, a jovem tecelã tem a coragem de mudar sua situação, retirando o marido de sua vida.

Analisando os três contos de Colasanti, percebemos a temática da violência contra a mulher. Em “Porém igualmente”, essa violência encontra-se explícita e é tão intensa que leva a personagem D. Eulália à morte de tanto apanhar do marido. Em “Para que ninguém a quisesse” nota-se a chamada “violência simbólica” de Bourdieu, que fere mais a “alma” que o corpo. Vítima do ciúme excessivo de seu esposo, a mulher desse conto entrega-se também à submissão e não consegue reagir. Termina infeliz e com sua autoestima afetada.

Já em “A moça tecelã” é notável essa mesma “violência simbólica”, já que o marido não a agride fisicamente, mas a explora como um “objeto” do qual ele detém a posse e o poder. No entanto, a jovem consegue dar um basta a essa situação e livrar-se do marido e de sua submissão a ele; há ainda uma esperança.

Em seus contos, Marina Colasanti

...reflete uma ideologia crítica acerca dos valores sociais, visando a mudanças de atitudes na cultura. Ela realiza o resgate dos mitos que aparecem, basicamente, como suporte para a valorização de um discurso do corpo, de uma voz feminina calada por vários anos de repressão, sugerindo a manifestação dos desejos de individuação e ascensão (TORRES, 2008, p. 06).

Os contos em questão nos fazem refletir sobre a situação da mulher na contemporaneidade; mulher essa que, apesar de muitas conquistas em todos os âmbitos, ainda luta com coragem pelos seus direitos e por igualdade em relação aos homens. De acordo com Constância Lima Duarte, no começo do século XIX, as mulheres brasileiras, em sua maioria, ainda viviam enclausuradas em antigos preconceitos e dentro

de uma rígida indigência cultural. Elas eram uma espécie de “propriedade” masculina, deveriam sempre ceder a seus caprichos e exigências, sem contestá-los em nada, apenas obedecendo-os.

Segundo Rosiska Darcy de Oliveira:

Essa cultura masculina alimentou representações das mulheres como seres anfíbios, mais intuituais que os homens: alheias à Razão, rebeldes à domesticação, como se, nelas, a Natureza guardasse seus direitos de permanência, de imutabilidade, de regularidade.

Naturalizadas, as mulheres não foram incorporadas ou tornadas significativas na cultura humana/masculina. O confinamento do sexo feminino em uma relação limitada com apenas alguns aspectos do meio ambiente, fruto da diferenciação sexual, traduziu-se em desigualdade de status e poder, tornando-se hierarquia que, por seu caráter invariante, passou a ser percebida como um dado do comportamento humano, inscrita no corpo e por ele ditado, e que as representações mitológicas e ideológicas só fizeram confirmar (OLIVEIRA, 1999, p. 40).

Anthony Giddens (1993) afirma que “Em épocas anteriores, os homens assumiram que suas atividades constituíam a “história”, enquanto as mulheres existiam quase atemporalmente, fazendo a mesma coisa que sempre fizeram” (GIDDENS, 1993, p. 70); ou seja, por muito tempo as mulheres foram isoladas da vida social e apenas os homens eram agentes das transformações ocorridas na sociedade.

De acordo com Léa Masina, os papéis que desempenham e os espaços sociais que ocupam os contos de Colasanti “revelam uma visão quase essencialista do gênero” feminino (que diz respeito à determinação da natureza específica da mulher). Retratando cenas da vida cotidiana, a autora trata de questões como o amor e a morte, o preconceito, o desafio, a competência, a submissão e a coragem. Disso resulta um grande nível de “generalização” que transforma esses contos na história geral de muitas mulheres (MASINA, 1999, p. 3-4), fazendo-nos refletir sobre a violência contra a mulher, ainda tão presente na contemporaneidade.

Nesse sentido, Colasanti através de uma literatura que, de certa forma, possui um caráter militante, concebe o leitor “... como um aliado potencial a ser convertido e transformado, pela elevação do seu nível de consciência, em coadjuvante no processo de mudança social” (FANTINATI, 1978, p. 4); e através de seus contos que giram em torno da mesma temática, visa “... realizar uma obra que contenha um sentido revolucionário do ponto de vista social” (FANTINATI, 1978, p. 3).

The representation of the violence against women in some tales of Marina Colasanti

ABSTRACT:

This article aims to verify the theme of the violence against women and point out some characteristics of three mini short stories of the current writer Marina Colasanti. Therefore, the tales “Porém igualmente”, “Para que ninguém a quisesse” e “A moça tecelã”, gathered in the book *Um espinho de Marfim e outras histórias* (1999), will be studied. Such tales show a kind of physical or “symbolic” violence.

Keywords: Violence. Women. Short Stories. Marina Colasanti.

Notas explicativas

- * Doutora em Letras Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Londrina (UEL).
- ** Mestranda em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. Participando do debate sobre Mulher e Violência. In: FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura V. C.; HEILBORN, Maria Luiza (org.). *Perspectivas Antropológicas da Mulher 4*. São Paulo: Zahar Editores, 1985.
- COLASANTI, Marina. A moça tecelã, Para que ninguém a quisesse, Porém igualmente. In: _____. *Um espinho de Marfim e outras histórias*. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- _____. O ciúme de todos nós. In: _____. *E por falar em amor*. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- D' ONÓFRIO, S. *Teoria do texto: prolegômenos e teoria da narrativa*. 2 ed. v.1, São Paulo: Ática, 2001.
- DUARTE, Constância Lima. *A mulher na Literatura*. n. 6. ANPOLL. Natal: CCHLA/ UFRN, 1996.
- FANTINATI, Carlos E. Reflexões Preliminares. In: _____. *O Profeta e o Escrivão: Estudo sobre Lima Barreto*. Assis-SP, Ilpha-Hucitec, 1978.
- GIDDENS, Anthony. Amor, compromisso e o relacionamento puro. In.: _____. *As transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993.
- HALL, Stuart. Nascimento e morte do sujeito moderno. In: _____. *A identidade cultural da pós-modernidade*. 3 ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HUTCHEON, Linda. Teorizando o pós-moderno: rumo a uma poética. In: _____. *Poética do pós-modernismo*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MASINA, Léa. Apresentação. In: COLASANTI, Marina. *Um espinho de Marfim e outras histórias*. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *Elogio da diferença: O feminino emergente*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- RESENDE, Beatriz. A Literatura Brasileira na era da Multiplicidade. In.: _____. *Contemporâneos: expressões da Literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.
- SANTIAGO, Silviano. Outubro retalhado. In: _____. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SANTOS, Cecília MacDowell & IZUMINO, Wânia Pasinato. Violência contra as mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. In.: *Revista E.I.A.L.*, 2005.
- SIMON, Luiz Carlos S. *Além do visível: contos brasileiros e Imagens na Era do Pós-Modernismo*. Tese doutorado em Literatura Comparada - UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.
- TORRES, Maximiliano. *A desconstrução do feminino em Grimm e Marina Colasanti*. UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

